

18/07/2019

## O cuidado como trabalho e o trabalho como cuidado – Parte II

**Ernani Costa Mendes**

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.  
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Nessa segunda parte da nossa conversa gostaria de chamar atenção sobre o cuidar na terminalidade. No meu dia a dia de trabalho fico pensando com os meus botões... e confesso que nunca tive coragem de comentar isso com ninguém... como é trabalhar com pessoas gravemente enfermas e muito próximas da morte... Por vezes, num vacilo do pensamento me sinto um pouco enxugando gelo, sei lá... Imagino que todo o empenho técnico empregado naquelas vidas são diluídos paulatinamente à medida que a morte se aproxima do seu desfecho líquido e certo. Logo, quase que imediatamente recobro a minha lucidez e passo a recheiar de sentidos toda a minha atuação profissional e procuro dar um significado reconfortante e compensatório ao meu trabalho que é: pavimentar de dignidade o processo de morrer das pessoas. De onde vem essa força?

Que preparo e habilidades tenho que desenvolver para desempenhar bem esse trabalho?

Ainda com os meus botões, chego até a pensar que tenho que desenvolver habilidades sobre-humanas, extrafísicas...!

Recentemente, participei como avaliador de uma banca de doutorado na Ensp/Fiocruz cujo tema versava: “*Reflexões sobre o cuidar na terminalidade: uma perspectiva da atividade*”, da autora Nádia Roberta Chaves Kappaun. Interessante a abordagem da autora em relação a uma tarefa extremamente difícil que é atuar profissionalmente na terminalidade da vida, ciente de que no cenário onde uma pessoa está morrendo acontecem mil e uma situações, muitas delas incontornáveis, intrigantes, estressantes, humilhantes, despersonalizantes.

E, muitas vezes, os profissionais que atuam nesse cenário não são ou não foram preparados (constata a autora) para estrelar nesse palco onde a ribalta está quase sempre apagada...

A autora da tese foi muito feliz quando usou o referencial teórico da Ergologia (o prefixo grego “ergo” significa “ação, trabalho, obra”) para o embasamento do estudo. A Ergologia tem como principal expoente o filósofo francês Yves Schwartz que considera que trabalhar é gerir um “vazio de normas”... Fico imaginando a atividade que é cuidar na terminalidade e o quanto os conceitos do autor se aplicam no cotidiano de um trabalho que é, por excelência, imprevisível, inconstante e com um alto grau de complexidades. A morte carrega sempre o seu ineditismo peculiar! Vejamos uma citação:

*Em razão de não haver somente execução das normas antecedentes, entende-se que trabalhar é gerir o que se denomina por vazio de normas, ou seja, o inédito da atividade, o qual não pode ser antecipado pelas normas e é oriundo das infidelidades do meio, daquilo que é imprevisível na relação com o meio, que é também um ambiente humano, cultural e técnico. Para gerir essas infidelidades e realizar algo, o trabalhador precisa convocar suas próprias capacidades, recursos e escolhas uma vez que as normas antecedentes não são suficientes para dar conta das variabilidades do meio. A essa convocação denomina-se agir em competência, que diz respeito à ação de uma pessoa em uma dada situação de trabalho.* [Schwartz, Y; Durrive, L. Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007]

A citação permite entender o enigmático trabalho com moribundos, ficando mais claro que para gerir as imprevisibilidades, as impertinências, as descontinuidades inerentes a esse trabalho, teremos sim, que desenvolver a capacidade de “agir em competência” na atividade de cuidar. Dito de outra forma, quem trabalha com a terminalidade da vida nunca sabe o que pode acontecer no transcorrer das finitas horas, dos finitos minutos e segundos até que a morte seja totalmente concluída. No nosso caso, que transitamos entre imanências e transcendências da vida temos que necessariamente adquirir habilidades muito especiais, da ordem da psique ou do espírito, para dar conta de tantas demandas que surgem com e na terminalidade da vida.

Quais habilidades de trabalho temos que desenvolver nas seguintes solicitações: “...*estou sofrendo muito, me ajuda por favor...*” (solicitação de uma senhora em sua última semana de vida) ou “...*me tira dessa cama pelo amor de Deus, ela está me mantendo em cárcere privado...*” (solicitação de uma mulher parapléica devido ao câncer avançado de mama, se referindo ao cuidador) ou “... *doutor me deixa voltar para casa, a minha cachorrinha está grávida, eu quero tanto ver os meus netinhos...*” (solicitação de uma mulher com câncer de mama com metástase para o cérebro, internada por sucessivas crises convulsivas) ou ainda “...*doutor seja honesto comigo, se eu operar a coluna eu vou voltar a andar como antes?...*” (solicitação de uma mulher de 42 anos com câncer de mama com metástase em coluna vertebral que está parapléica). Cuidar na terminalidade requer gestão do sofrimento alheio, conclama tecnologia leve ou relacional. Cuidar na terminalidade é um tipo de atividade especialmente peculiar e com total imprevisibilidade dos acontecimentos.

Concordo com Schwartz quando ele se refere às infidelidades do meio e sobre totais vazios de normas da atividade.

A atividade humana no trabalho com pacientes na terminalidade da vida extrapola qualquer norma antecedente ou rotinização de condutas, pelo fato de ser totalmente desconhecido o que vamos encontrar no plantão após cruzarmos o portal que nos conduz à dimensão de um hospital especializado em câncer terminal. E como termina essa história e o que apreendemos dela! Esse trabalho de cuidar na terminalidade para ser transformador e dignificante ao paciente e para os seus cuidadores (aqui os trabalhadores da saúde) deverá ser compartilhado, compreendido, consensuado, discutido entre as partes e evidentemente elevado ao patamar de um trabalho ensejado a partir das habilidades humanas materiais e imateriais, onde o trabalhador é tocado por um ser exatamente igual a ele em sua constituição e finitude. O que difere o ser cuidador do ser cuidado é que este já entendeu, por conta de sua vulnerabilidade, os limites humanos; já entendeu que ninguém no leito de morte está preocupado com o tempo e nem com coisas efêmeras; já entendeu que o trabalho dá sentido à vida e por isso deve ser digno. E, de repente, já entendeu que o maior ligante da vida e o que estabelece o elo entre as pessoas e dá sentido à mesma é o amor e, por isso, ele deve ser vivido até o último dia das nossas vidas. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.